

Transcrição da Mesa-redonda de 23 de julho de 2009

Significado dos Geoparques

Round Table of July 23th, 2009: the Meaning of Geoparks

Participantes:

Carlos Fernando de Moura Delphim, Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), RJ, BR
Francisco Idalécio de Freitas, Universidade Regional do Cariri (URCA), CE, BR
Guy Martini, Rede Global de Geoparques da UNESCO, Réserve Géologique de Haute-Provence, Digne Les Bains, FR
Úrsula Ruchkys de Azevedo, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG), MG, BR

Mediador:

Paulo César Boggiani, Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo (IGc/USP), SP, BR

Boggiani - O objetivo da mesa-redonda é o de aprofundar o conceito Geoparque. O objetivo maior do presente evento é o de se entender melhor esse conceito ainda novo no Brasil, o que vem sendo possibilitado com a criação do *Geopark Araripe* e como existem outras iniciativas no Brasil, como foi possível constatar pelas apresentações, trata-se, portanto, do momento de conhecer melhor o conceito. Vou passar a palavra para cada participante da mesa para que expressem, em poucas palavras, sobre esse conceito. Passo a palavra inicialmente ao Guy Martini que é um dos criadores do conceito de Geoparque.

Martini - Temos passado o primeiro dia juntos e temos que compartilhar muitas coisas, o sentimento que tenho é ter visto apresentações de alta qualidade com cientistas apaixonados que encontraram o que me parece essencial para criar geoparques, que são muitos territórios com uma alma, algo holístico, com emoção, humanismo, cultura, não somente ciências e, nesse sentido, a apresentação de Carlos Delphim, entre outras, foi magnífica. Estamos aqui não apenas para falar sobre ciência, não estamos aqui para criar museu de geologia em um território. Estamos aqui para propor os novos territórios do Século XXI e os geoparques são os novos territórios que criamos na Terra e sobre os quais os cientistas têm muitas responsabilidades. Não apenas a responsabilidade sobre a Geologia, mas em tudo o que é diferente a respeito de território. Recordo-me de um aspecto da história dos geoparques, em um dos primeiros encontros sobre geoparque na Europa, e me encontrava numa reunião da Academia Francesa de Ciências, anos atrás, tinha 19 anos, encontrava-me na universidade e tinha cabelos compridos e me recordo e toda a comunidade de ciências ques-

tionava o que fazia, e diziam que era “geopoesia”. E agora toda essa comunidade encontra-se envolvida em jornadas sobre geoparques na França e agora pensa que isso não é “geopoesia” e sim Geologia de verdade. Hoje se pode falar de detalhes como gotas de água fossilizada e, o que me fascina ainda mais, os fulguritos - fósseis de raios que caem no deserto e vitrificam a areia, são fósseis de raio (faz o som de um raio - risos da plateia). Isso é fantástico, imaginar a memória de algo que não tem matéria, como o raio (faz o som de um raio novamente) e que passa dar graça a uma matéria e são coisas como essas que nós geólogos podemos transmitir. Criar geoparque não é ensinar a Geologia. Na minha apresentação de amanhã, pretendo mostrar a visão de futuro de geoparques, onde desejo demonstrar que geoparque, e isso é o mais fantástico, é um território em constante evolução conceitual, um geoparque nunca está terminado. Na Europa, onde os geoparques têm 20 anos e agora estamos discutindo qual o futuro dos geoparques, o que chamamos geoparque “fazedor”. Não fazemos museu de Geologia na natureza. Nós como geólogos podemos mostrar para o mundo uma visão de tempo diferente, o que se expressa em milhões de anos. Podemos dar uma outra dimensão de tempo da Terra. Essa visão de tempo que podemos transmitir não permite apenas olhar para o passado, é também para considerar o futuro. A mim me interessa um geoparque que ensina o presente, que fala do passado, mas que também é capaz de explicar como será o futuro, como vai se modificar. Assim criamos territórios que são um pouco naves que viajam pelo tempo, que permitem passar do presente para o passado e para o futuro, observando os homens que ali vivem e sua cultura e como tudo funciona, e aí entramos numa definição interessante dos geoparques.

Idalécio - Sou Idalécio do *Geopark* Araripe e quero agradecer o convite da Profa. Jôse, Profa. Denise e do Paulo e dizer que imagino geoparque como presente, passado e futuro. Às vezes chegam para mim no Araripe e perguntam - Seu Idalécio, onde é a entrada do geoparque? Não é interessante? A entrada do geoparque não existe, sou eu, são vocês todos do Araripe, não é? O nosso geoparque é o primeiro geoparque das Américas, é o primeiro geoparque do Brasil. O nosso geoparque é simplesmente lindo. A Bacia Sedimentar do Araripe, meu povo, é um geoparque só, toda ela é um geoparque. Eu conheço e trabalho na Bacia do Araripe há vinte anos, comecei trabalhando com perfuração de poços, em seguida passei a trabalhar no projeto Bacia Escola e depois me envolvi com geoparque. Mas o geoparque e a Bacia do Araripe faz com que a cada dia a gente se apaixone mais por eles, a gente goste mais deles. A minha maior felicidade é acordar e agradecer a Deus por estar olhando para ela. Eu me envolvi muito com a Bacia do Araripe e digo mais: o Governo de Estado tem nos dado muito apoio, não é? As secretarias que estão envolvidas como a das Cidades, Ciência e Tecnologia, Cultura, agora a partir desse momento, creio eu, acredito fielmente, que nós iremos deslançar tudo isso. O diagnóstico está sendo concluído. Um diagnóstico muito importante para o geoparque. Aonde nós iremos realmente buscar aplicar junto às comunidades do entorno do geoparque, o que é geoparque e mudar o que? Toda aquela, como se diz, expectativa do povo do Araripe. O *Geopark* Araripe tem muitos projetos. Nós temos vários projetos, projetos que estão em andamento, projetos junto às secretarias que estão envolvidas e, ao voltar daqui o que gostaria de dizer para vocês é que agradeço demais por estar envolvido, por estar presente com tantos cientistas que estão preocupados com o geoparque. E que eu estarei lá de braços abertos e creio que vocês irão visitar o *Geopark* Araripe e vão dar a contribuição para que o geoparque cresça cada vez mais. Muito obrigado por estar aqui, a vocês e a Deus.

Úrsula - Acho que durante as palestras, ficou claro para todo mundo o conceito de geoparque. Eu, particularmente, eu vejo o geoparque como uma grande contribuição das Geociências para a comunidade não só no sentido do desenvolvimento territorial que ele pode proporcionar, por exemplo, no caso do Quadrilátero Ferrífero, como foi dito, hoje se vive lá da mineração, mas essa atividade não será eterna. É uma região que não é permitida ao público, que não permite outro tipo de desenvolvimento econômico. Então o geoparque pode contribuir muito para o desenvolvimento do território de uma maneira mais sustentável, além dessa contribuição das Geociências com o geoparque, o que mais me impressiona e que gostaria de ver não só no Quadrilátero, mas em várias outras regiões do Brasil é esse

encantamento com a história, com a história de evolução da Terra que o geoparque pode proporcionar ao criar essa identidade, mostrar para as pessoas esse significado que já aparece com o Projeto Caminhos Geológicos. E acho que esse encantamento pode ser proporcionado e incentivado com a criação de geoparques. Às vezes, quando faço trabalho de campo com os alunos eu falo - Olha você está pisando numa rocha que é evidência de um dos primeiros indícios de crosta continental da Terra, com mais de 3 bilhões de anos de idade. Aí o pessoal fala "não acredito e como esse lugar está assim tão abandonado, tão estragado? Acho que as pessoas começam a enxergar realmente as rochas, o relevo, os minerais como história, como registro dessa história de evolução do planeta. E isso é uma grande oportunidade que o geoparque pode proporcionar. Acho que temos no Brasil um grande potencial, como já levantado pelo Serviço Geológico do Brasil (CPRM), temos vários territórios onde os geoparques podem ser criados, talvez nem reconhecido pela UNESCO, mas reconhecidos pelo nosso próprio país e é uma forma de aproximar nossa experiência do público em geral, porque realmente ela é maravilhosa e pode proporcionar esse descortinamento da história do planeta em que a gente vive e essa é uma grande questão que o geoparque pode ajudar.

Carlos Fernando - O Rio de Janeiro está proposto para a UNESCO, não como geoparque, mas eu quero que seja também isso, mas como Patrimônio Mundial na categoria Paisagem Cultural. Mas eu falei - Como vamos querer ser Paisagem Cultural para UNESCO se ainda não somos para nós mesmos? E, da mesma forma, eu acho que geoparque tinha que surgir uma figura no Brasil de geoparque nacional, não é só porque a UNESCO vai nos reconhecer que vamos ter valor, aquilo que pode não ter valor universal, pode ter valor nacional, aquilo que não tem valor nacional, pode ter estadual, pode ter local. Então é muito importante entender as diferenças dos níveis, acho até para quem lida com estratigrafia, tem uma percepção melhor disso, mas nós estamos dando um primeiro passo. E o primeiro passo é a metade do caminho. Nós não sabemos muito o que é geoparque e temos muito mais perguntas do que respostas. Mas saber formular a questão já é algo muito próximo da resposta. Wittgenstein preferia o oceano do desconhecido à ilha do conhecimento. Acho que nós temos ainda muito mais coisas não perceptíveis, que vão se revelando. Nós estamos aprendendo o que é geoparque e acredito que até mesmo a própria UNESCO não vai saber o que é um geoparque com precisão. Se souber acabou todo o mistério, todo o encanto. Mas o que eu vejo de importante no geoparque é a mesma coisa que eu sinto com a paisagem cultural brasileira. E vejo além dessas perguntas que estão sendo formuladas sem respostas, as perguntas que ainda

não surgiram. E do que eu vejo já de pronto são alternativas novas: a Sociedade, os protagonistas, os atores envolvidos, as pessoas que vivem nas áreas dos geoparques. Vejo a compreensão da história da Terra como a coluna dorsal do geoparque. Não se trata, como disse Guy Martini de fazer um museu geológico *in situ*, trata-se de saber ler a história da Terra e que tudo isso seja estreitamente ligado à vegetação, para entender porque no Quadrilátero Ferrífero aparecem as belíssimas Barbacenias da Família das Vellosiaceae que a Úrsula mostrou na sua apresentação, que são uma das plantas mais lindas do mundo e muitas não podem ser cultivadas em outro local do mundo. Existem outras também, mais lindas do planeta, que também eu nunca vi alguém cultivar. Assim como a fauna, associada a essa vegetação. Existem beija-flores que têm o bico curvo assim, porque existem helicônias com o tubo exatamente correspondente, que são polinizadas por eles. Desaparece o beija-flor, desaparece a helicônia. Desaparece a helicônia desaparece o beija-flor. Tem o caso de Darwin que descobriu uma orquídea que tinha um tubo extremamente longo, e ele previu a existência de um inseto com a tromba extremamente longo que pudesse penetrar lá no fundo e pudesse polinizá-la. Esse inseto tem o nome algo parecido como que *predicta*, ele predisse antes que descobrissem, e foi descoberto muitas décadas depois. Então não é a Terra só, mas tudo aquilo que vive sobre a Terra. E nós temos três momentos muito importantes no planeta que é o surgimento da matéria, que é a Terra, o surgimento da vida e o surgimento do Homem. A maneira como o Homem ocupa os diferentes sítios geológicos, a maneira como Homens diferentes se utilizam da mesma matéria-prima, da mesma flora, da mesma fauna. Muito importante também que foi dito por Guy Martini que nós não estamos apenas escrevendo, e também Idalécio falou nisso, nós não estamos apenas narrando a história da Terra, nós estamos muito mais do que isso definindo as condições de vida no futuro. Se pudermos ler os registros geológicos de como o planeta se comportou em épocas de aquecimento e de glaciação, nós podemos nos preparar para o futuro, que tanto pode ser apocalíptico como pode ser maravilhoso, desde que nós saibamos ler e interpretar e nos comportar da maneira que deveria ser para a própria humanidade e todos os outros seres sobreviverem nesse lindo planeta.

Boggiani - Aberto aos questionamentos dos participantes na plateia, mas gostaria de fazer uma observação do quão é interessante o conceito de geoparque. Ele não é um conceito definido. É complexo. É dinâmico e acho que é isso que o torna mais interessante, porque ele abre mil possibilidades. E temos o exemplo contrário que seriam as unidades de conservação, para as quais existe uma lei federal no Brasil, que é a Lei do SNUC - Sistema Nacional de

Unidades de Conservação, que de uma certa forma engessa. Se criou como parque nacional, tem que seguir a lei, não pode fazer nada, não pode ter gente, ao ponto que em nenhuma região é bem aceita a criação de uma unidade de conservação, é um problema. Até o nome parque no Brasil, dificulta muito no Brasil, conversando com o Gilson Burigo do Paraná e com a Úrsula, por causa das mineradoras, não se quer nem discutir, falou em geoparque, não se quer nem conhecer o conceito. Lembro-me muito bem quando o Iphan fez um seminário em Bonito, Mato Grosso do Sul, e o prefeito na abertura do seminário estava de cabeça quente com a história do geoparque, porque ele tinha dois monumentos naturais, como unidade de conservação do SNUC e enquanto esses monumentos não têm seus planos de manejo finalizados ele tem uma área de entorno de 10 km. É claro que o plano de manejo vai definir essa área, mas enquanto não tem a área de entorno, tem esse limite e, no Brasil, esse processo é muito demorado. Então ele estava com essas duas unidades e tinha que fazer um conjunto habitacional que caia justamente na interferência dessas duas áreas de entorno. Então ele não podia construir esse conjunto habitacional em função disso. Então ele já estava de cabeça quente por isso. Quando eu falei que o geoparque não faz parte do SNUC, não faz parte dessa lei, aí ele se mostrou aberto para conversar. O fato de mostrar que a criação de um geoparque a ser reconhecido pela UNESCO implica em mudanças sociais e de desenvolvimento na região mostra que ele é um projeto de desenvolvimento, não é só de conservação.

Rosely Imbernon (EACH/USP) - Sobre uma questão de políticas públicas até para a gestão pública e de governança desses espaços. Foi colocado que a definição de geoparque foge totalmente da visão que temos do SNUC. Portanto, para ser objetiva, Guy e Carlos, qual é a visão em termos de políticas públicas para que a gente tenha governança e governabilidade na gestão do geoparque, na implantação do geoparque? Qual a visão, Carlos, que você elaboraria para o cenário brasileiro e Guy a visão que você tem de sua vivência internacional?

Carlos Fernando - A paisagem cultural foi criada de uma forma que não fosse uma nova legislação. Nós temos no Brasil um excesso de lei. Tem lei para tudo. Eu mesmo sou agora vítima de uma que é a lei do idoso. A vida inteira eu dei lugar para as pessoas mais velhas e continuo dando e agora tem lugar reservado para os idosos. O que precisa é ter educação, e não educação ambiental e educação patrimonial. Criar uma nova lei para Paisagem Cultural, nós podemos compulsoriamente tomar qualquer paisagem, mas fazer com que a Sociedade reconheça e que os órgãos públicos exerçam suas responsabilidades... O Jar-

dim Botânico do Rio de Janeiro era protegido por uma legislação municipal, por uma legislação estadual, é tombado pelo Iphan, ele tem áreas de preservação permanente como encostas florestadas e topos de morros, proteção por cursos d'água e, no entanto, tem uma área de 54 hectares visitáveis, uma área inteira de 138 hectares toda invadida, ninguém fala isso, ninguém faz nada. Então não precisava de nenhuma legislação nova, nem do tombamento para fazer que se execute a legislação. Daí a ideia da paisagem cultural é fazer um pacto no qual seja cobrado de cada órgão o exercício de suas responsabilidades sem inventar uma nova lei. Não tem sentido agora a Paisagem Cultural ter que obedecer isso ou aquilo. Cada paisagem é uma, é essa definição muito estrita de uma legislação é um emburramento, daí a palavra "parque" assustar todo mundo. Dostoiévski falou dois e dois quatro: um muro. Quando uma coisa é aquilo, fecha para tudo. É muito importante essa abertura, então eu acho que é muito mais do que criar uma legislação, é articular as políticas públicas para preservação dos bens que estão ali no geoparque, e todos os bens diferentes, não só os geológicos e os paleontológicos.

Martini - Não sei se entendi bem a pergunta, mas a pergunta é que modelo de governança, de gestão. O que é importante é colocar que cada território geoparque é único, é uma experiência, é, por assim dizer, uma aventura e é isso que interessa. Não há um geoparque que é parecido com outro, por isso que há tantos exemplos e muitos geoparques, e isso é que é fantástico. Há um processo comum a todos geoparques, exceto o que passa na China e amanhã poderemos falar mais das especificidades na China. A primeira coisa que penso no processo de geoparque, e que vi hoje pela manhã com muita emoção é que, para o desenvolvimento de um geoparque, necessitamos associar todos os componentes de um território, componentes administrativos, componentes políticos, componentes intelectuais e componentes sociais. Geoparque passa por essa visão global e compartilhada de um território, sem exclusão, sem exceções. Estava falando durante o almoço com colegas que têm projetos de geoparque em Curitiba que estão em elaboração e é exatamente isso, criar uma reunião, um coletivo com representante de cada uma de sua individualidade a fim de aprenderem a trabalhar juntos e depois criar uma estrutura que reúna, e que essa estrutura seja a gestão futura do território. E é esse um pouco o processo que se encontra em outros países e o que demonstra que para um geoparque é necessário tempo e havia dito, essa manhã, assim que tenha um grupo que se identifica, penso que há a necessidade de 3 a 4 anos para que um geoparque possa se apresentar à Rede Mundial de Geoparques, e que sem esse tempo não é possível ter um geoparque, tem-se outra coisa. Necessitamos buscar o interesse comum por trás de

uma proposta nova de desenvolvimento econômico. Não sei se respondi a questão.

Antonio Theodorovicz (Serviço Geológico do Brasil - CPRM, SP) - Qual seria o momento de enviar o dossiê à UNESCO? Se já deveria ter a estrutura montada ou basta mostrar e apresentar que a área tem potencial?

Martini - Um geoparque necessita de um território definido, uma clara estrutura de gestão, uma clara estrutura de gestão que já exista e clara condições de financiamento e segura para os próximos anos do geoparque. Se não mostrar que tem uma estrutura de gestão não vai integrar a Rede Global de Geoparque, e aí que encontramos problemas. Tentamos associar territórios que tenham um projeto e tentamos achar os meios para seguir até que tenha uma estrutura de gestão que permita entrar para a Rede Global de Geoparques. O que quero dizer é que é possível compartilhar com os outros numa fase preparatória com territórios que podem se intercambiar com os outros por dois ou três anos até que esteja pronto e integrado para fazer parte da Rede. O que é importante é acompanhar o movimento, não necessariamente obter a marca. É estar trabalhando juntos. Isso é importante. Participar das reuniões anuais da Rede Europeia, aberta a todos e as reuniões bianuais da Rede Global. Temos também cursos.

Monica Amorim (Consultora do Banco Mundial) - Como já foi dito aqui, o Banco Mundial está apoiando, com muita confiança, a estruturação do *Geopark* Araripe. Também foi dito por vários palestrantes que o conceito de geoparque é algo muito recente, que só agora no Brasil começamos a tomar contato. Daí a importância do aprendizado. O *Geopark* Araripe tem tido uma experiência interessante de apoiar a criação de outros geoparques, como os da Bodoquena e do Quadrilátero Ferrífero. Está bem claro que todos estamos aprendendo e uma forma talvez mais interessante de aprender seja aprender em grupo, compartilhando conhecimentos e experiências como aqui falou Guy Martini. Então gostaria de colocar aqui o desafio não só do *Geopark* Araripe mas outros geoparques que estão se aplicando com a UNESCO para criarmos uma rede de geoparques no Brasil, e acho que discutimos isso também na Conferência Mundial de Osnabrück (Alemanha) onde o *Geopark* Araripe juntamente com outros geoparques brasileiros liderarem a formação de uma rede pan-americana de geoparques para avaliar essas trocas de experiências de forma mais rápida e eficiente. Desejo perguntar ao Guy Martini, que foi um dos líderes da formação da Rede Europeia de Geoparques quais são as lições, os caminhos que nós do Brasil podemos nos apropriar da experiência da criação da Rede Europeia de Geoparques e também ao

Paulo Boggiani, queria estender a ele a pergunta para ter a visão dele de como é que nós no Brasil poderíamos nos reunir, como os diversos geoparques em construção para liderar a criação dessa rede pan-americana de geoparques.

Martini - Uma das coisas fantástica dos geoparques é que temos mais perguntas do que respostas e isso é incrível, e para buscarmos soluções e mais perguntas necessitamos estar juntos e compartilhar, porque nada tem solução e estamos buscando, juntos, um novo modelo de território. Essa coisa dinâmica é que é interessante e importante e isso necessita de união e compartilhar com as redes existentes e com as redes a serem criadas. Necessitamos, em nível global, de estruturas continentais porque somos poucas pessoas e necessitamos não do conhecimento linguístico, cultural e científico, e nada se compara. No Brasil temos a sorte do resultado de um trabalho importante com o único geoparque reconhecido pela UNESCO, e único da América, e saber que se organiza uma rede continental a partir de um geoparque, porque sem geoparque, não podemos criar uma rede continental. Então a criação de uma rede pan-americana de geoparque nesse momento com apenas um geoparque, pode ser, e isso parece interessante, apesar de não haver quantidade. Vou descobrir amanhã mais coisas mas parece que há muito energia, muitas preocupações e muitos projetos de geoparque e poderia ser uma boa pergunta se seria interessante criar uma rede de projetos de geoparques do Brasil para que todos possam se ajudar e criar formas de intercâmbio para ter comissões especializadas de desenvolvimento sustentável de geoparques e criar situações diferentes no Brasil e publicar e divulgar. Depois pensar em fazer uma reunião de projetos de geoparques de todas as Américas, América do Sul e América do Norte para apresentação de seus projetos, e penso que em cada fase desse processo, saber que a UNESCO está observando, como na China. E há coisas que não precisam ser inventadas, tudo que existe pode ser absorvido e o que não interessa pode ser modificado e transformado.

Boggiani - A respeito da criação da Rede Pan-americana, Guy Martini apresentou o que pensam as pessoas envolvidas com a questão dos geoparques. Viria um representante da Venezuela, que fez inscrição, mas não pôde vir, de tal forma que não temos os representantes de outros países. Se tivéssemos uma grande representação latino-americana poderíamos amadurecer essa ideia, por outro lado, temos aqui uma massa crítica e número suficiente para a criação de uma rede brasileira de iniciativas de projetos que, inclusive foi uma ideia lançada em Campo Grande (Mato Grosso do Sul) em reunião organizada pelo Iphan com uma ideia do André Herzog para que, na presente reunião fosse pensada uma forma de articulação de troca de ideias que,

de uma certa forma já existe, estamos sempre nos comunicando, conversando e trocando ideias como o exemplo que nós vimos da proposta do Quadrilátero de um grupo promotor de geoparque, o que achei uma ideia interessante para passar para Mato Grosso do Sul, como falei com a Maria Margareth Lima (Superintendente do Iphan de MS). O que acho interessante e ficamos cada vez mais maravilhados com o conceito de geoparque é esse dinamismo, por não ser uma questão fechada e o caráter agregador da proposta. Fazendo um paralelo do que nós temos nos nossos parques nacionais e estaduais, a gente vê que a estrutura é fechada, Minas Gerais deve ser assim, como o Estado de São Paulo e quem cuida dos parques é a Fundação Florestal que não dá abertura, nos parques nacionais tem o Instituto Chico Mendes que tem aquela estrutura lá e também não dá abertura. A grande vantagem do geoparque é o fato de ter essa abertura. Não é uma instituição só, nós temos aqui no país o Serviço Geológico do Brasil (CPRM), mas eles mesmos deixam claro que não são eles que vão fazer a gestão como do Geoparque do Vale do Ribeira, eles vão articular, fazer a criação e tudo mais, mas fica totalmente aberta a questão da gestão. Existem exemplos de geoparques menores totalmente privados, existem várias formas de gestão e é isso que é interessante na proposta de geoparques, por não ser uma estrutura fechada e amarrada a uma determinada instituição. Respondendo, por fim, já temos massa crítica para criar uma rede brasileira de iniciativas e pessoas interessadas em geoparques. Vai acontecer o evento no Ceará em 2010, organizado pelo Governo do Estado do Ceará, e lá poderíamos começar e sacramentar essa ideia no evento.

Carlos Schobbenhaus (Serviço Geológico do Brasil - CPRM e coordenador do Projeto Geoparques) - Em primeiro lugar, concordo com a criação de uma rede nacional e acho que no Brasil temos exemplos concretos de geoparques, em outros países pan-americanos são potenciais. Seria uma rede para discutir futuros geoparques. Então para que pertencamos a uma rede pan-americana é importante portanto, primeiro criarmos a nossa rede. Agora quem comporia essa rede? Acho que todos atores aqui presentes, ou que participam dessa ideia de geoparques deveriam participar dessa rede. Desde a base de um geoparque que é a Geologia, com os geólogos, até pessoas ligadas ao patrimônio histórico e cultural, como o Carlos Delphim, de tal forma que diversos níveis do conhecimento participem. Nós do Serviço Geológico do Brasil temos o projeto, com cerca de duas dezenas de propostas que estão sendo estudadas, algumas diretamente do próprio Serviço Geológico e outras com participação de especialistas de outras áreas, das universidades, dos governos de estado, do Iphan e outras pessoas que estão participando da cons-

trução dessas propostas. As propostas do Serviço Geológico do Brasil se baseiam principalmente no conceito geológico como a própria UNESCO recomenda, a base de um geoparque é a Geologia. A importância da Geologia. Inclusive ela se refere a sítios de interesse científico, não é um sítio geológico qualquer. Então é uma questão que está sendo avaliada pelo Serviço Geológico na perspectiva da escolha dessa área de que lá exista um potencial de um futuro geoparque no conceito da UNESCO. Então não poderíamos ter um geoparque em Roraima, no Pico da Neblina. Geologicamente lá é uma área interessante, mas onde estão as comunidades que poderiam participar desse processo de geoturismo, as comunidades locais que poderiam participar e conviver com esse geoparque, não existem. Então as áreas selecionadas já envolvem um potencial nesse sentido. Agora, como isso vai progredir, como terá uma fase posterior. O Serviço Geológico vai preparar um dossiê, um relatório mais no sentido geológico, mas a continuação desse trabalho compete a uma comunidade maior, não somos nós que vamos concluir esse trabalho. Isso compete ao Governo de Estado, às prefeituras, a um consórcio de prefeituras, a uma ONG. Não se sabe qual é o futuro dessa área potencial. Mas como sempre digo, nosso trabalho iniciou-se pela proposta, mas a continuidade, podemos participar mas compete também a outros fazer essa continuidade. A pergunta é para o Guy Martini, você falou que existem geoparques que não existem ligação com a Rede, e que há a necessidade de uma maturação de 3 a 4 anos antes de pertencerem à rede. Existem, portanto, exemplos de geoparques nacionais que não foram aceitos pela UNESCO? Existem exemplos concretos? (Guy Martini respondeu com a cabeça que sim). Então justamente a proposta que eu faria que foi levantada pelos colegas, pelo Boggiani e outros, e também pelo colega Carlos Delphim, o importante é primeiro fazermos nosso trabalho de casa, que é definir o geoparque natural e depois que ele estiver existido como geoparque nacional caminharmos devagar. E concordo com o exposto pelo Guy Martini, de não apressarmos as coisas. Nesse caso, gostaria se você pudesse dizer quais são os geoparques nacionais que existem, mas não pertencem à Rede Mundial de Geoparques da UNESCO.

Martini - Essa é uma boa pergunta, porque temos muitos geoparques que não pertencem à rede, mas podemos utilizar a terminologia e temos muitos exemplos. Temos uma rede nacional de geoparques na Alemanha, não me lembro da quantidade, e propomos, pela UNESCO de integrar alguns desses geoparques à rede, os que correspondem aos critérios da UNESCO, e nem todos geoparques poderão integrar à rede por não respeitarem as normas. Assim temos uma definição de geoparque nacional e alguns des-

ses que são da Rede Global. Na China temos 120 geoparques, e estão crescendo a cada ano e somente 23 que são integrados à Rede Global. O que significa que o país tem sua própria força, sua própria proposta, seu próprio modelo, sua identidade, mas se seguir a orientação da UNESCO será mais fácil. Criam-se assim geoparques nacionais, uma rede nacional, para depois buscar os melhores, os mais adequados para a UNESCO.

Carlos Schobbenhaus - E o símbolo, o selo da UNESCO? Somente poderá ser utilizado se for reconhecido?

Martini - Não se pode utilizar se o geoparque não for reconhecido pela UNESCO.

Joaquim Cartaxo (Superintendente das Cidades - Governo de Estado do Ceará) - Primeiro, é necessário dizer que para problema novo, tem que ter solução nova. Então como geoparque é uma questão nova, temos que nos reinventarmos para encontrar as nossas soluções novas para as questões colocadas com a questão do geoparque. O geógrafo Carlos Valter Porto Gonçalves, um geógrafo carioca, ele tem um pequeno texto que eu acho que resume um pouco essa discussão do geoparque. O texto é o seguinte: "A natureza não é natural, a natureza é cultural", ou seja, sociedades mais preservacionistas tendem a ter um conceito mais amplo de natureza, sociedades menos preservacionistas classificam a natureza de forma mais restrita. Então essa é uma disputa da Sociedade. Essa questão do geoparque me parece que está nessa disputa do conceito, da forma de gestão, e não vamos ter um modelo que reproduza o modelo de nossas unidades de conservação e isso a mesa já deixou claro. O mecanismo para isso é nós irmos realizando eventos como esse. No Ceará, foi realizado um seminário internacional sobre geoparques e várias pessoas aqui presentes compareceram, participantes da mesa estiveram nesse evento. Depois do evento no Ceará, teve um workshop em Bonito, depois em Bodoquena. Estamos realizando aqui hoje. Então estamos em movimento na busca de encontrarmos a construção nacional de nossa rede de geoparque. E vai ser isso que o Guy colocou. Acho que a CPRM (Serviço Geológico do Brasil) fez um estudo, se não me falha a memória, o Brasil tem 36 possibilidades de geoparques, a UNESCO, depois o Guy me corrija, a UNESCO reage para que o Brasil seja como a China, se temos a possibilidade de 36 geoparques, então ficamos mobilizados com a nossa rede e a proposta da UNESCO é que ela seja internacional. Vai ter geoparque que estará ligado a rede da UNESCO e outros não e não tem que ficar em crise existencial por causa disso. Porque o importante é ter um geoparque, que ele tenha dimensão científica, dimensão econômica, dimensão edu-

cacional e dimensão cultural, mas o que é novo nos territórios do Século XXI, colocado pelo Guy, que isso é um instrumento de desenvolvimento econômico, com sustentabilidade. Acho que esse é o grande debate que temos que fazer em torno da questão do geoparque. Nós temos um compromisso, o Estado do Ceará e o Governo de Estado tem um compromisso com a UNESCO, de realizar em 2010 uma conferência Pan-americana para abrir o debate sobre a construção da Rede Pan-americana de Geoparques. Mas é inusitado porque nós temos apenas um geoparque, então a busca é de reunirmos essas iniciativas, por demanda da UNESCO, não fomos nós que inventamos isso e o André (Herzog) está me lembrando disso agora, mas é preciso que algum ente, algum geoparque da UNESCO, comece a animar isso e agora é responsabilidade do “Velho Ceará de Guerra” fazer essa animação. Agora essa animação precisa dos outros parceiros e estamos tentando realizar isso e acho que essa ideia na conferência nós estamos aqui com essa recomendação, e o Paulo (Boggiani) colocou bem que se não tem como montar uma rede de geoparques (da UNESCO) ou estruturado lá no jeito cearense de ser o *Geopark* Araripe, mas podemos criar a rede de iniciativas. E na medida que os geoparques, os nossos geoparques venham a ser constituídos, a rede deixa de ser de iniciativas e passa a ser uma rede de geoparques nacionais e daí a rede pan-americana. É esse o compromisso que o Governo de Estado do Ceará e o *Geopark* Araripe está assumindo aqui com todos vocês e dar continuidade ao processo de construção de nossos geoparques.

Boggiani - Foi pouco comentado aqui, mas não veio nenhum representante da Prefeitura Municipal de Guarulhos, mas lá o Prefeito criou um geoparque em cima de antigas minas de ouro que existem na região. Fez um decreto e criou um geoparque, sem muita delimitação. O fato dele não ser tão rígido permite, pode criar.

José da Silva - Boa tarde sou geólogo e recém-doutor pela Unesp de Rio Claro, na linha de pesquisa de planejamento e gestão ambiental com ênfase no geoturismo, e o Boggiani fez parte de minha banca, com muito prazer, e minha área de pesquisa foi lá em Paraguaçu Paulista, uma Estância Turística do Estado de São Paulo, com aparentemente poucos predicados para o geoturismo, mas quando eu comecei a trabalhar a área, e que visualizei a última manifestação dos pulsos de vulcanismo da Formação Serra Geral, dentro da Bacia do Paraná, e ali retratada estruturas de fluxo de lavas vulcânicas e também a sedimentação mesozoica, e pós-mesozoica, definindo uma sub-bacia, que agora está sendo promovida à categoria de bacia sedimentar do Grupo Bauru - a Bacia Bauru, aí nós consegui-

mos visualizar melhor essa questão. Então, a pergunta vai no final, mas eu gostaria de colocar uma proposta para a mesa e para todos vocês, se não seria o processo inverso, ou seja, o geoparque não seria uma estratégia a longo prazo e a curto prazo a valorização do geoturismo? É uma questão até para o grau de escolaridade de nosso povo brasileiro, infelizmente, porque na Europa, eu já estive na França, na Alemanha e na Suíça e o grau de escolaridade é muito mais elevado, e todo mundo sabe disso, consequentemente os valores culturais são mais marcantes, as comunidades defendem seus patrimônios geológicos com unhas e dentes e aqui não. E o turismo no Brasil está numa fase de desenvolvimento, de proliferação de modalidades, não é mais aquele turismo das praias e das montanhas, mas o turismo rural cresce bastante e, embutido no turismo rural, as paisagens rurais e o geoturismo propriamente dito. O geoturismo é um desconhecido, quando a gente começa a discutir isso, nos colocam na categoria de ecoturismos, que é uma outra modalidade, então de repente, o foco, a estratégia é que não está em sincronia com evolução do conceito de geoparque nas comunidades mais desenvolvidas do primeiro mundo, e esse é meu ponto de vista e aí faço a pergunta ao Boggiani e ao Guy se essa visão estratégica não seria uma forma mais rápida de avançarmos na criação de futuros geoparques, ou seja, através do geoturismo, e aí sim, uma atividade econômica, que imediatamente pode gerar empregos e distribuir renda nas comunidades de baixa escolaridade e que ainda não tem o patrimônio geológico como patrimônio cultural, o que não está visível no momento. Obrigado.

Boggiani - Eu acho que são coisas que podem ir de forma paralela, eu acho que aqui com o Grupo de Discussão, discute-se muito mais geoturismo do que geoparque, então eu acho que dá para seguir de forma paralela. Já existem algumas iniciativas voltadas para a questão do geoparque e essas iniciativas poderiam ser amadurecidas e implementadas, mas em paralelo, o desenvolvimento do geoturismo seria também benéfico.

Martini - Vou começar com um exemplo do Brasil, que não conheço muito, mas tenho conversado a respeito, mas acho que esse projeto de Curitiba que gira em torno de sítios geológicos, com informações sobre os sítios, a partir da qual inicia-se uma sensibilização das pessoas e pouco a pouco preparar um caminho para a visão global do território. Essa me parece uma boa metodologia, fazer um trabalho concreto sobre um sítio, falar sobre a memória da Terra e sensibilizar grupos de população a começar a se posicionar, para em dois três anos, dependendo do tempo, trabalhar sobre o assunto. Não sei se o pessoal de Curitiba deseja falar sobre o assunto.

Gil Piekartz (Mineropar, PR) - Em complementação, o projeto que temos lá é um projeto desde 1993, chamado de Sítios Geológicos e Paleontológicos do Paraná e temos trabalhado com a parte de conservação e do geoturismo, independente do programa de geoparques, há um inventário, com esse inventário há uma ligação com a Sociedade, com a Secretaria de Turismo, com a Secretaria de Educação, entra a parte fundamentalmente de geoturismo, com roteiros, com painéis seguindo a experiência dos Caminhos Geológicos do Rio de Janeiro, folhetos de divulgação, transformação de alguns desses sítios, alguns desses afloramentos em produtos turísticos como as estrias glaciais de Witmarsum, agora uma pedreira do oeste paranaense com vestígios de impacto de corpo extraterrestre, descoberto pelo Álvaro Crósta da UNICAMP, e também na parte da geoconservação. É um trabalho ainda incipiente, temos 12 afloramentos tombados pelo Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico Paranaense, da Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, que já são produtos turísticos e como o Paulo (Boggiani) falou, caminha paralelamente. Dentro dos Campos Gerais, onde temos a intenção de futuramente constituir um geoparque, todo esse trabalho vem se solidificando e conscientizando a comunidade que vive lá dentro.

Boggiani - Apenas lembrando, enquanto ela se prepara para falar, uma iniciativa boa no Brasil são os roteiros geológicos do Rio de Janeiro, sobre os quais temos a apresentação amanhã da Kátia Mansur, que há muito tempo vem sendo desenvolvido no Brasil, antes da ideia do geoparque.

Silvia Futada - Como foi colocado pelo Guy Martini a necessidade do contraponto, vou me colocar, então como um pouco como contraponto, sou bióloga, com mestrado em Ecologia, o que é um pouco diferente do público de hoje. Primeiro, quero agradecer muito. Para mim foi muito rico hoje, não só o lado poético que a gente teve também assim como a convivência com geógrafos e geólogos, que é sempre muito rica, em função da outra escala de tempo e outro tipo de visão, o que me enriquece muito, já que há muitos anos trabalhamos de forma setorial, o que empobrece um pouco. Mas para fazer um pouco o contraponto, uma vez que vem se caminhando nesse começo, em criar esse novo diferencial, esse novo conceito, já com algumas ações estabelecidas no Brasil diante da realidade brasileira, e o fato de poder criar um conceito dá uma liberdade ainda maior, liberdade não só de caminhar num terreno onde não há limitações, mas também caminhar por onde há limitações e rever essas limitações e reestruturar sobre esse novo conceito, o que foi colocado a respeito do SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Realmente temos um histórico longo de criação, temos várias incoerências e várias críticas, trabalho nessa área de conservação há algum tempo, e compartilho com muitas (críticas), mas para se ter políticas públicas, dotações orçamentárias, é necessário algum grau de reconhecimento. Então devido ao fato de estarmos no começo da conceituação de geoparque, encontramos-nos um pouco distante da prática, mas uma que tem que implementar uma ação, ter um coordenador, que tem que ter uma linha telefônica, que tem que ter um centro de visitante, tudo isso demanda um outro tipo de estrutura e dinâmica para as instituições envolvidas. Então eu só acho para galgar esse caminho longo, a médio longo prazo, talvez seja bom não excluir, já de imediato, alguns potenciais parceiros, por exemplo, infelizmente eu entrei quando o colega estava falando do Paraná, com relação aos Campos Gerais, e ao se pegar o histórico das unidades de conservação, muitas delas foram criadas apenas para atributos biológicos, mas também para beleza cênica, a gente inclusive tem algumas categorias destinadas a beleza cênica e se formos entender toda a questão evolutiva e riqueza da biodiversidade vê-se que está muito ligada aos atributos geomorfológicos e geológicos. Então de uma certa forma pode-se separar e também não pode. Por exemplo, alguém ressaltou o Pico da Neblina, que é um Parque Nacional e também Terra Indígena, portanto há uma sobreposição. Assim como o Parque Nacional dos Aparados da Serra e o do Serra Geral, assim como a escala de tempo do SNUC é menor, não é uma escala geológica, com uma outra leitura, mas de uma certa forma, acho que tangencia a visão que se está trazendo para o geoparque. Aí pensando no conceito, que pontos pode-se cruzar, e potencializar para o que se quer ao invés de se excluir de imediato algum ator ou conceito que podem ser parceiros.

Boggiani - Não sei se o Guy Martini conseguiu compreender mas o André Herzog pode responder, já que o Geoparque do Araripe tem a interferência com a Floresta Nacional do Araripe e a própria proposta de criação do Geoparque para Serra da Bodoquena - Pantanal tem o Parque Nacional da Serra da Bodoquena internamente. Os parques acabam se integrando.

André Herzog Cardoso (Universidade Estadual do Ceará - FUNCAP) - Silvia, o problema na sua colocação como contraponto ao que você colocou ao Guy Martini, não foi só porque você falou muito rápido para ele entender, mas é que ele, não conhecendo a legislação brasileira, e você não traduziu o que é SNUC, que é o Sistema Nacional de Unidades de Conservação, que é a legislação brasileira pertinente a proteção das áreas designadas como tal, no nível federal, estadual e municipal. No caso do Araripe, Silvia, nós tivemos a preocupação no planejamento do parque e como o geoparque é um programa que não

existe na figura jurídica e legislação nacional, nós encontramos uma solução de compromisso ao propor que quatro dos nossos geotopes, que foram elencados, por serem áreas públicas pudessem ser, pelo poder público estadual, definidos como monumentos naturais em obediência ao SNUC. Então desde o início tivemos essa preocupação, no caso do Araripe, e essa é uma proposta bastante interessante. O programa não é exclusivo das Geociências, embora ele tenha esse esteio na Geologia, o fator abiótico é também preponderante para a compreensão da biodiversidade e também com a geodiversidade. Então todo esse esforço nos diferentes projetos no país, acho que não desconhecem e nem ignoram a existência desse modelo nacional e da legislação nacional, mas há problemas com o nosso Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Grosso modo, do que se sabe, setenta e cinco por cento dos parques nacionais são fechados a visitação pública. Eles funcionam como unidades de proteção da natureza e só dois de nossos parques (Floresta Nacional da Tijuca e Parque Nacional de Iguaçu) levam aproximadamente noventa por cento dos visitantes a essas unidades, quer dizer, isso é bem distinto da proposta de geoparque, que é o envolvimento da população local e o trabalho em prol da educação científica em todos os níveis e à estratégia de desenvolvimento territorial a partir da implantação desses projetos. Na verdade e na prática sabemos que isso gera resistências para o diálogo com o poder público e com as comunidades locais e os interesses econômicos, porque quando se fala em parque e preservação, imagina-se logo estruturas e cercas fechadas à interação com o público. Então cada um dos projetos que tem surgido já tem, em si, o conhecimento dessa problemática e está procurando, cada qual com sua realidade, tratar de equacioná-la. No caso do Araripe que é o nosso parque original, reconhecido, sim nós tivemos essa preocupação e eu poderia lhe responder que não há nenhum motivo e o contrário, tem todas as justificativas que favorecem a integração. Gostaria de aproveitar a oportunidade, já que a Monica mencionou o assunto da Rede Pan-americana e o Guy foi muito feliz quando mencionou e nos lembrou da oportunidade de trabalharmos com a rede nacional. Como o Paulo mencionou e o Secretário Cartaxo também, no território nacional nós temos também a felicidade de registrar várias iniciativas como essa também de hoje e encontros dedicados a discutir, refletir e difundir o conceito de geoparques, e por conta disso já se estabeleceu uma rede informal de pessoas e instituições e grupos que estão ligados a proposituras de projetos aspirantes a serem geoparques. E parte dessas pessoas e instituições inclusive elaboraram agora uma comunicação, viu Guy, para o próximo encontro, o Encontro da Rede Europeia de Geoparques, por quanto o conceito nasceu na Europa e até mesmo o Araripe partici-

pa ativamente desses encontros bianuais que a Rede Europeia promove por ser o local, o *locus*, onde esse conceito se originou e nós vamos levar, para o próximo encontro, essa propositura da criação da rede brasileira de geoparques, seria uma rede não oficial que congrega profissionais e instituições e indivíduos e todos aqueles que têm interesse nessa questão de geoparques que não se comporta dentro de uma única disciplina, dentro de uma única instituição.

Nájila Cabral (Secretaria de Ciências, Tecnologia e Educação Superior do Estado do Ceará) - Sou professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará, arquiteta e urbanista com mestrado e doutorado na área de Engenharia Ambiental e pós-doutorado em Engenharia Civil com ênfase em gestão de áreas protegidas, nesse ato represento a Secretaria de Ciências, Tecnologia e Educação Superior do Estado do Ceará, apenas complementando nosso colega André Herzog, com relação a pergunta da Silvia, a sobreposição ou não com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza, o *Geopark* Araripe contempla, ao todo, nove unidades de conservação que estão preconizadas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza inclusive há uma sobreposição com a Floresta Nacional do Araripe, que foi a primeira Floresta Nacional do Brasil, criada em 1946, nós temos ainda o Parque Ecológico das Timbaúbas, que fica no Município de Juazeiro do Norte, áreas de proteção ambiental da Chapada do Araripe que tem uma superposição com a Floresta, reservas particulares de patrimônio natural e os monumentos naturais, criados por Decreto Estadual em 2006. Eu gostaria também de falar muito rapidamente, quando a gente fala no conceito de geoparque, a gente tem que entender que esse conceito foi criado na Europa e se a gente olhar para trás e verificar a história da criação das áreas protegidas no mundo, a palavra parque, notadamente para nós, aqui no Brasil, pensa logo no parque modelo norte-americano, que exclui o ser humano de seu interior, portanto, ele serve apenas para, entre aspas, proteger a beleza cênica, e aí a gente pode fazer um paralelo com aquele desenho do Catatau e Zé Colmeia, que é aquele conceito de parque norte-americano. Mas os parques franceses e portugueses, eles têm uma concepção diferente do parque modelo norte-americano. Os parques franceses e os portugueses, eles têm uma conotação muito mais próximas das unidades de conservação preconizada pelo SNUC chamadas de área de proteção ambiental, APA, que é uma área de desenvolvimento sustentável. Não estou dizendo que o geoparque é uma APA, eu estou dizendo que é apenas uma região de desenvolvimento sustentável. O geoparque tem outras características singulares peculiares ao conceito de geoparque da

UNESCO, mas se fizermos algum paralelo com relação ao SNUC a gente vai ver que se aproxima bastante da APA. Como professora, tenho alguns projetos financiados pela FAP nossa, a FUNCAP - Fundação de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Ceará, e nós temos, dentro do Programa de Pós-graduação de Gestão Ambiental, desenvolvendo parte desses projetos, tanto em nível de mestrado como graduação e iniciação científica, inclusive trouxemos uma aluna de mestrado, a Andréa, para a gente absorver um pouco mais, aí gostaria de chamar os colegas da USP, da UFRJ e da UFMG para que a gente possa fazer mais publicações científicas, para que a gente possa socializar essa informação a respeito de geoparque, que é um conceito extremamente inovador e, particularmente, que possa ser um diferencial em desenvolvimento territorial. Particularmente, gostaria de parabenizar a iniciativa da USP em realizar um evento como esse e salientar que nossa delegação do Estado do Ceará, estamos aqui, para que a gente possa somar esforços. Muito obrigada.

Boggiani - Só lembrando que a Unesp é também participante do evento.

Marjorie Nolasco (Universidade Estadual de Feira de Santana) - Complementando e falando um pouquinho de Minas Gerais, a gente pode falar que temos um caso de amor e ódio com as unidades de conservação. Em Minas Gerais, só para vocês terem ideia, foi criado recentemente o Movimento dos Afetados por Unidades de Conservação e a gente está numa área de mineração. Então, as mineradoras, quando a gente fala o nome de geoparque, elas acham que geoparque é uma unidade de conservação e, aí, eles não querem nem ouvir falar do conceito. Isso fez com que a gente, até discutindo com o Schobbenhaus, na hora de denominar o geoparque, ao invés de denominar “geoparque” em Português, a gente colocar “geopark” com “k” para tirar essa associação. Eu falei de amor e ódio nesse sentido, porque por um lado, essa questão do Sistema Nacional de Unidade de Conservação ele, entre aspas, atrapalha, mas por outro, as unidades de conservação de nosso estado são as nossas grandes aliadas. O Instituto Florestal - IF (responsável em MG pelas UC estaduais) ele faz parte do grupo promotor, porque vários de nossos sítios foram escolhidos tanto pelo seu valor geológico, mas também por ser unidade de conservação, porque nesses locais a gente já tem uma infra-estrutura, a gente já tem visitação, e falta esse foque geológico que o próprio IF colocou que agora eles estão começando a dar. Por outro lado, a área do Geoparque do Quadrilátero Ferrífero, como bem apresentou a colega agora, ela se encontra inserida dentro de uma APA, que é a APA Sul, porque acho que dentro dos modelos do SNUC o que mais se aproxima do geopar-

que é a APA e o Quadrilátero Ferrífero está praticamente todo inserido na APA, além de dentro dessa APA, dentro do Quadrilátero Ferrífero a gente tem várias unidades de conservação, ou seja, vários geossítios que estão dentro de parques e estações ecológicas, de restrição maior. Então acho importante essa discussão do SNUC e, como todos disseram, o geoparque não interfere com o SNUC, muito pelo contrário, algumas unidades de conservação são grande parceiras dos geoparques, embora, como eu disse, o tema, às vezes, cause conflitos, principalmente para as atividades econômicas.

Boggiani - Só complementando, a respeito do SNUC, outra função, a figura do Monumento Natural do SNUC cabe muito bem aos sítios geológicos ou geossítios, assim também como esses podem ser RPPNs, então, o interessante do ponto de vista dos geoparques é essa mistura.

Shirley Felipe - Sou Guia de Turismo e sou de Santos, a pergunta é para Guy Martini, mas antes eu queria colocar dois pontos. O primeiro, como já foi citado, o turismo no Brasil, o turista brasileiro gosta de turismo de sol e praia, com uma vertente que está crescendo, são os cruzeiros marítimos. Então o turista que vai procurar o geoturismo ou ecoturismo ou turismo rural, são pessoas realmente interessadas que procuram informações com propriedade. Quem vai atender o turista, tem que saber muito bem o que está fazendo. Eu tive contato com um projeto, onde pegaram uma população pobre, e treinaram eles para serem monitores. Só que eles foram lá, não tinham base para o assunto e repetiam o que foi passado para eles. Então esse projeto não deu certo, mas esse projeto, para fortalecer a parte mais pobre da população, encerrou-se, não deu certo. Fora isso, o que abrange a população, é a manufatura de produtos artesanais da região. Já que para ter um geoparque, ele tem que ter o desenvolvimento econômico da população principalmente de baixa renda, eu queria que você me desse exemplos de trabalhar com essa população que não seja na manufatura de artesanato e que não seja desenvolvendo pequenos monitores para estar simplesmente repetindo o que uma pessoa passou para eles. Criar uma experiência que não fosse isso e que pudesse ser aplicada aqui no Brasil, obrigada.

Martini - Eu não sei se já estou cansado para entender um idioma que não é o meu ou se as pessoas que falaram ultimamente falaram mais rápido (recebe uma explicação sobre a pergunta). Parece que há uma pergunta que parece ser comum a muitos geoparques com relação ao turismo. Um problema que tem em muitos geoparques é de como se pode utilizar um turismo forte, que é um turismo de férias, de sol, e como gerar uma nova economia para as pessoas

do geoparque. Temos no Brasil, do pouco que conheço, em Araripe, a mesma experiência de artesanato específico que, do pouco que sei, tem dado consequência econômica. Na Europa, temos pessoas que vivem nas montanhas e temos que ver novas formas de economia para essas pessoas que vivem nessas montanhas, o que pode ser proporcionado com uma nova circulação de turistas e com o trabalho no artesanato, onde os pequenos comércios passam a ser ponto de informações sobre o geoparque diferenciados, que não vai encontrar em outro sítio e, assim, criar novos empregos. A base está em manter a população (locução inaudível).

André Herzog Cardoso (Universidade Estadual do Ceará - FUNCAP) - A memória do Guy é muito boa quando ele diz respeito ao suporte de criação do Geopark Araripe aos artesãos tradicionais do local, que orientasse o fabrico do seus produtos na criação, do que passamos a chamar de geoprodutos. Então às rendeiras tradicionais foi ensinado a elas, através de oficinas ministradas no Museu de Paleontologia de Santana do Cariri um pouco sobre Paleontologia para que elas pudessem reproduzir figuras de fósseis de uma forma criteriosa, para que não houvesse aberrações na propositura do artesanato. Isso trouxe um valor agregado de reconhecimento desses produtos e vocês sabem como é o comportamento do visitante em terra estrangeira, que procura sempre adquirir alguma coisa para levar como memória, não só na área do artesanato em bordado, mas o artesanato em pedra, as pessoas faziam proposituras bastante esquisitas de dinossauros que também não eram característicos do Araripe e através das oficinas que o Prof. Alexandre Sales coordenou, elas foram ensinadas a reproduzir a paleofauna e a paleoflora do Araripe corretamente. Então o turista qualificado que vai visitar a região, antes tinha uma rejeição a um produto tão grosseiro, e com essa iniciativa, ele passou a ter uma melhor aceitação e isso se espalhou também para o artesanato em fibra, as famosas balaieiras e que foi comentado anteriormente e não me recordo que fez essa lembrança na apresentação, mas acho que foi Úrsula, com o artesanato em fibra, onde começaram a produzir cestos e artefatos também inspirados pela paleofauna e paleoflora e o que Cartaxo me lembra aqui com muita propriedade há um geossítio no município de Nova Olinda, esse ligado muito mais a mitologia da cultura indígena ancestral de nosso território e um museu memorial, do Homem do Cariri que, ao lado do Museu de Paleontologia, recebe 2 mil a 3 mil visitantes/mês, e nesse memorial há um projeto que faz com que os pais dos estudantes que estão envolvidos com a educação não curricular, eles tenham um envolvimento na produção de artesanato e participam também do geoturismo rural, eles cedem parte de sua residência para o receptivo

de pessoas e todas essas iniciativas, com o reconhecimento da UNESCO e apoio da UNESCO, da nossa colega Margaret Patzak, quando ela fez o primeiro folder, o primeiro folder! do programa mundial de geoparque ela já estampou na sua capa a libélula fóssil que é o símbolo do Museu de Paleontologia o que trouxe para nós um reconhecimento. Uma outra dimensão da ONU, a UNICEF, o braço para infância e adolescência, também suporta as atividades por esse parceiro do geoparque do Museu Casa Grande de Nova Olinda. E o que se perguntou para comentar é que em vários lugares do mundo existe uma preocupação dos gestores dos geoparques com a realização de estudos e estatísticas confiáveis sobre o benefício, o impacto econômico na pequena economia local que os geoparques têm trazido para essas comunidades. Porque o objetivo é, a linha mestre do projeto seja exatamente essa, fomentar o desenvolvimento sustentável para bem da preservação dos elementos do território.

*Joseli Piranha (IBILCE/Unesp) - Agradeço pela oportunidade, meu nome é Joseli, eu sou geóloga e docente na Unesp - Universidade Estadual Paulista. A minha fala, Úrsula, eu quero voltar em especial para sua apresentação, gostaria, inicialmente de cumprimentá-la, porque gostei muito do trabalho que você apresentou e mais do que isso, gostaria de cumprimentá-la porque eu tenho tido a feliz oportunidade de conhecer um pouco mais o trabalho que vocês vêm desenvolvendo em Minas Gerais. Chamou-me a atenção, em particular, dentro desse roteiro de desenvolvimento, chamaria assim, dessa caminhada, o *start*, o cuidado havido em se preservar alguns componentes de diferentes direções dentro do trabalho de desenvolvimento e preparo do Geoparque Quadrilátero. Em especial, eu me refiro a uma questão que me parece um tanto séria na realidade do Quadrilátero, a questão econômica, e a social atrelada e pertinente a ela, me parece, creio eu, que essa caminhada, o *start* e não só ele, todo o transcorrer subsequente da equipe envolvida nesse trabalho, teve em mente o cuidado em preservar esses componentes para além do de geoconservação, ou do trinômio, como nós correntemente trabalhamos. Isso eu observo com algum cuidado, com uma acuidade maior. Eu tenho uma preocupação bastante grande com o envolvimento das comunidades, da cultura do povo e do respeito às sociedades organizadas, diferentemente, nós sabemos que com realidades próprias, necessidades próprias, aspectos de desenvolvimentos próprios. O Quadrilátero, apresentando o quadro que conhecemos, a problemática social atrelada, não especialmente à mineração, com algumas restrições que você acabou de mencionar a pouco, aquela coisa que de “nem me fale disso porque isso já é um problema muito grande”, eu lanço aqui uma pergunta que eu gostaria se você pudesse trabalhar*

um pouquinho, desse entrelaçamento que vocês têm feito, desse cuidado, sei um pouquinho disso pelo trabalho do colega Paulo de Tarso, com quem eu pude conversar um pouco e conhecer melhor, e com as comunidades envolvidas e a pergunta é a seguinte: O que surgiu primeiro, a preocupação inicial, precípua veio sobre o desenvolvimento econômico, sobre o desenvolvimento social ou sobre a geoconservação?

Úrsula - Bom, acho que essa é uma pergunta um pouquinho complexa. Acho que na verdade tudo isso veio surgindo junto, foi uma construção, a gente está discutindo isso desde 2006, então é um processo lento, a gente tem tomado muito cuidado, porque em Minas a gente tem vários conflitos, não só com a atividade de mineração, mas também com os ambientalistas radicais, você citou, por exemplo, as ONGs, no início, quando a gente estava apresentando a proposta, eu me lembro de uma representante de uma ONG bem radical, bem ambientalista, a gente teve a preocupação, porque se você coloca e envolve muito essas pessoas, aí as empresas criam mais conflito, elas acham que o negócio vai ser radical. E eu lembro da primeira apresentação que a gente fez, a moça, ela chamava Teca, e ela foi totalmente contra o geoparque. Aí ela falava que o geoparque iria apoiar a mineração, que a mineração ia aproveitar isso para fazer propaganda. Depois ela começou a ter uma outra visão. Ela foi construindo a visão dela ao longo do tempo. A outra visão dela era a seguinte: que o geoparque ia acabar com toda a mineração. Ninguém mais ia poder minerar, aí ela colocou o geoparque lá no pedestal. E depois ela foi desconstruindo isso. Então, num primeiro momento ela foi totalmente contra, depois favorável, e no final, depois de bastante tempo é que ela entendeu o que era a proposta e acolheu de uma maneira mais consciente. Então, esses cuidados a gente sempre teve, principalmente com relação à atividade de mineração. A gente vem tendo várias reuniões, principalmente com a Vale do Rio Doce, mas todas, assim, muito lentas. Agora, em agosto, vamos ter uma reunião com a representação do Estado mesmo, já fortalecendo a nossa proposta. Então, realmente, a gente vem tentando construir isso ao longo do tempo. Essa preocupação social ela sempre existiu, porque a gente conhece a realidade do Quadrilátero Ferrífero, ele vive 90% da atividade de mineração, e essa atividade vai se exaurir, então uma coisa que a gente sempre coloca é porque vamos esperar a mineração acabar para a gente conseguir uma alternativa econômica, social e desenvolvimento para esse território. Se a gente tem um patrimônio tão rico, não só geológico, mas também cultural, biológico, por que não integrar esse patrimônio na proposição de um geoparque e já, junto com a mineração, ir caminhando para uma solução mesmo, desse problema, não é? Que vai aconte-

cer, daqui, não sei, vinte, trinta, quarenta anos ou cinquenta anos, mas ele vai chegar. Então eu acho que essa é uma coisa muito positiva, que a equipe conseguiu pensar, e que a gente está construindo lentamente, desde 2006 até hoje, mas a gente chega lá.

Joseli Piranha (IBILCE/Unesp) - Eu agradeço, e queria só tomar da sua fala então e colocar em pauta um pensamento, uma reflexão. O geoparque, além de uma estratégia de geoconservação, estratégia de desenvolvimento propriamente com diferentes perspectivas e diferentes enfoques, diferentes necessidades, diferentes potenciais, e acho que isso é bastante importante para o momento que nós nos encontramos de formatar novos e mais projetos de geoparques e ideias de geoparques para valorização de nosso patrimônio não só geológico, material mas também imaterial também. Obrigada.

Talita Rocha (estudante da Universidade de Brasília) - Boa tarde, o tema desse workshop me interessou demais e acho que, assim, a geoeducação seria fundamental desde as crianças, até o Ensino Médio. Porque quando você chega no vestibular e opta, como foi o meu caso, por Geologia, você não teve nenhuma experiência prévia, desse conhecimento. O máximo que você teve foi saber o que é Craton e Bacia Sedimentar, então para uma identidade, que é o que pretende um geoparque eu acho fundamental que a Educação, busque desde o início, você saber onde você está pisando, você conhecer a história do seu planeta, a história do Universo. Porque isso não mexe só com exploração mineral, não mexe só com petróleo. Isso mexe com identidade, você vê todo o desenvolvimento da Terra, constrói um ser humano melhor, um ser humano que cuida, assim como você cuida de sua família, cuida daquele ambiente no qual está inserido. Eu estive recentemente na Chapada Diamantina, lá tem um turismo que eu nunca tinha visto antes. O que eu fiz foi um roteiro em volta do Parque Nacional da Chapada Diamantina, dormindo em várias cidades, conhecendo várias pousadas, várias histórias. E tudo isso começou por causa do garimpo. E agora, várias trilhas que eram utilizadas pelos garimpeiros, tornaram-se trilhas que os visitantes, daqueles que vão lá atrás do turismo conhecem, por exemplo, do Vale do Capão a Nova Guiné, são 18 quilômetros, percorridos em um dia, numa caminhada incrível, você vê paisagens incríveis e os guias têm algum conhecimento da Geologia, mas conhecimento de coisas que eles escutaram, não é uma coisa bem fundamentada. Mas como tenho conhecimento nessa área, ia sempre perguntando. E lá eu vi um potencial muito grande, porque você tem o envolvimento turístico, você tem a história de garimpo que propiciou esse envolvimento turístico, porque antes era um garimpo, as pessoas,

mesmo naquela coisa de trabalhar o dia inteiro e ganhar uma merreca, mas eles tinham esse ganha-pão. E agora eu conheci um guia que é ex-garimpeiro e ele viu, no turismo, o potencial de ter seu ganha-pão. Coisas assim, o garimpo propiciou coisa efêmera como comprar casa, comprar moto e depois perder isso. Hoje com o turismo, ele já tem a casa dele, é um outro patamar de desenvolvimento. E o geoparque contempla esse negócio da comunidade local. Essa camiseta que estou usando, por exemplo, é de uma artista lá da Chapada Diamantina. Então o conceito de geoparque, muito acima de Parque Nacional, ele tem uma visão de contribuir, desde o conhecimento geológico, até a comunidade estar envolvida, e ter o turismo, você tem a geoeducação e o geoparque. Então eu acho que é super-válida a constituição da Rede Brasileira de Geoparques, porque a gente tem um potencial enorme. Então a minha pergunta é, além do reconhecimento, pela UNESCO, qual seria o incentivo dela para constituição do geoparque, é financeiro? Qual é o apoio? Essa é minha pergunta.

Martini - Essa é uma pergunta importante, já que a UNESCO não dá aportes financeiros, mas a possibilidade de usar a marca, o selo do UNESCO, que é uma instituição fantástica, que agrupa 180 países do mundo, promove o desenvolvimento de políticas culturais, mas não aporta ajuda financeira e sim apoio técnico.

Marjorie Nolasco (Universidade Estadual de Feira de Santana) - Eu tenho algumas coisas que são mais reflexões a partilhar, que eu gostaria que a mesa comentasse, do que necessariamente uma pergunta. Talvez alguns esclarecimentos para duas falas em especial a da colega aqui, que a meu ver o que indica o quanto o ouvir aqui trouxe algumas informações incorretas, por exemplo, ligadas à escala de um geoparque. Ele não tem que ser necessariamente tão gigante quanto os aqui apresentados. Essa é uma característica brasileira, por conta da dimensão de nosso território e não é uma questão de megalomania. É muito simples falar de redes nacionais quando estou lidando com países de dimensões pequenas. Eu falo de rede nacional de um país que tem a dimensão maior do que a Europa, eu gostaria de saber como fica a Rede Europeia, se ela consegue ter uma igualdade, uma identidade, aí a gente poderia ter uma comparação. São comparações muito delicadas que não podem ser feitas e não podem ser abraçadas, sem aprofundar. Essa é a primeira reflexão. A segunda é que Graças a Deus que existe o SNUC, se não existisse o SNUC, a gente não teria absolutamente nada para proteger. A espoliação sobre o Estado Brasileiro foi extremamente grande e nem sempre responsabilidade de brasileiros. Eu acho que, além disso, a gente tem que se lembrar, que a gente precisa trabalhar exatamente com essas questões, de reali-

dade, e geoparque, pelo menos para a realidade brasileira, fica mais como uma política pública do que como uma proposta de parques ou de qualquer coisa desse tipo. Ele vira uma política pública. E vira uma política pública que traz o contexto geológico, porque esse contexto é pouco explícito dentro do SNUC, porque esse contexto é pouco explícito na história brasileira e ele junta essas coisas com toda uma cultura mineira, que existe dentro do Brasil e é extremamente forte, principalmente na Bahia de onde eu venho. E você não sabe o quanto fiquei feliz, quando você falou da Chapada Diamantina, meu trabalho é em Inगतu, que você deve ter conhecido onde, antes de tudo, é preciso respeitar a cultura mineira. Agora é necessário lembrar que os parques nacionais nunca expulsaram ninguém. Todo mundo fala isso, mas isso é mito, é mito, no sentido de que existe na Lei, não é verdade? Mas gostaria que alguém me mostrasse alguém que foi expulso, porque o Parque Nacional da Chapada Diamantina existe há 23 anos, tem gente lá dentro, o discurso é sempre “Nós temos que sair”, mas entre o “nós temos que sair” e sair ou o “nós sair-mos”, os fiscais, o IBAMA, e todo o contexto, espera que todos morram velhinhos, e que os seus filhos não aguentem viver lá dentro, porque não tem condições mínimas de qualidade de vida e preferam sair, e é essa a lógica, porque ninguém tira com a Polícia. Esse discurso acaba virando um debate inócua e insípido, e que não vai para lugar nenhum. Ele só não é inodoro, ele faz um efeito fantástico. Então para mim, dentro do geoparque, tem uma questão que é mais complicada, que é o que é geodiversidade, o que é geoconservação, qual é o papel que os geólogos, dentro desse processo têm, para isso não virar brincadeira profissional, como eu já ouvi aqui, conversando com um e com outro, que são pessoas que não têm o vínculo que alguns aqui têm com a questão. Como transforma isso em algo sério, por que uma geodiversidade, por que uma geoconservação, e por que traduzir isso numa política pública que se chama geoparque? Por que a gente precisa passar a respeitar a comunidade? Dentro dessa questão, uma rede nacional exige investimento, investimento pesado, se não se investe em educação e saúde, vocês têm certeza de que vai se investir em uma rede nacional de geoparques? Eu acho que vai ser feito do mesmo jeito que foi feito com os parques nacionais, na base da propaganda, na base da boa vontade de quem participa disso, na base do esforço pessoal de todos, inclusive das universidades. E aí, eu coloco uma questão que vem me preocupando que é primeiro, a questão aqui não é exatamente qual é o conceito de geoparque, mas que conceito é esse, dentro da realidade brasileira, e como ele se aplica a escala brasileira, e a segunda questão é: uma das coisas ruins do turismo é a quantidade de homogeneização cultural que ele traz. Já se conseguiu espoliar uma série de coisas, mas uma coisa que ainda

não se conseguiu ser totalmente espoliada é exatamente na Cultura e na diversidade cultural dada pela mestiçagem do povo brasileiro, que talvez explique, porque os navios têm tantas formas e todas elas aparecem no Brasil. Então a pergunta, uma reflexão que fica é essa questão - que é o turismo que homogeneiza, e que na Chapada Diamantina, infelizmente, está acontecendo, e que, de tanto receber turista, o próximo passo é ter uma bela de uma pousada, com ar condicionado, van com ar condicionado, de preferência, sem muriçoca e, para completar, com estrada boa, e além disso, poxa, eu fico com saudades do meu McDonalds, e aí aparece um McDonalds no lugar, e aí acabou a riqueza cultura do lugar. Como evitar, eu não sei, mais um caminho para essa homogeneização cultural. Será que se a gente trabalhar, com toda boa vontade, e o inferno está cheio delas, e com todo critério nesse conteúdo de transferência da mineração para o turismo, a gente também não está oferecendo um caminho de homogeneização cultural? São dúvidas concretas. Eu trabalho com a Chapada Diamantina, numa área que tem mais do que condições de fazer isso, que tem uma cultura brilhante, mas eu vejo, dentro de Lençóis, uma homogeneização cultural impar e, nas outras regiões, essa homogeneização cultural é menor. Como é que a gente evita que isso se espalhe, ou assumimos o risco e queremos que isso se espalhe já que com isso a gente aumenta a qualidade de vida daquela população, que qualidade de vida é essa, quem somos nós para definir essa qualidade de vida, e por que essa qualidade de vida tem que ser igual a da cidade grande onde eu moro.

Everaldo Nunes (Instituto de Meio Ambiente, ES) - Boa tarde a todos. Acho muito bom ter esse fórum e começar a discutir isso, começar a disseminar no meio geocientífico um pouco o que é o SNUC, porque até hoje está muito guardado entre os biólogos, e os geólogos desconhecem ainda o que eles estão falando e estão criticando. Eu sou formado em Geologia, meu mestrado foi em conservação, na área de engenharia florestal, e agora estou trabalhando no IAMA, que é o Instituto de Meio Ambiente do Espírito Santo e lá eu trabalho com gestão de unidade de conservação e criação de unidade de conservação - UC também. E no caso nosso lá, para criar uma UC, fomentar isso nos municípios e até mesmo no Governo de Estado, a gente tem que trabalhar com a lei. Então eu estou numa situação lá onde jamais eu posso criar um geoparque no Estado, não é? O nosso estado não vai poder ter um geoparque. Ele só vai poder ter: um monumento natural, uma APA, um parque. Ao não ser que a CPRM (Serviço Geológico do Brasil) dê um apoio - Vamos contemplar vocês, vamos ajudar vocês a criar um geoparque. Eu acho importante, unidade de conservação não é só parque. É importante você ressaltar que você tem diversas categorias, e infelizmente, você

vê o SNUC, de cima a baixo e você vê sobre biodiversidade, não fala de geodiversidade. A gente tem uma categoria que é Área de Relevante Interesse Ecológico. Por que não criaram uma categoria Área de Relevante Interesse Geológico. Eu assim, minha opinião na área, eu acho que o SNUC tem espaço sim para criar novas denominações de categorias que venham contemplar diretamente a Geologia, e eu acho que a gente não pode desprezar o SNUC, gente. O SNUC já está bem estruturado, já foi fruto de muita discussão. E existe mecanismos dentro do SNUC, que pode vir a dar uma viabilidade de gestão e uma viabilidade financeira para o geoparque. Um desse mecanismo é a consulta pública. Que é, quando tem que se criar uma unidade de conservação, a gente tem que fazer essas consultas públicas. Deixar bem claro para a população, os objetivos, os limites dessa unidade, as implicações que isso vai trazer para a comunidade e ao local, benefícios e os malefícios, e outra questão também, é o mecanismo de compensação ambiental. Existe a compensação ambiental, que é um fundo que garante a viabilidade e o sustento financeiro do plano de manejo, da regularização fundiária dessas unidades. Então eu acho que a gente não pode fazer vista grossa com isso não. Eu acho assim, é muito bom a gente ter esse fórum aqui, a gente aproveitar as autoridades que estão aí, pessoas importantes da Geologia, formadores de opinião, e a gente, assim, pensar, quem sabe, fazer um documento, para as pessoas que estão por conta da reavaliação do SNUC, que também não está encerrado, e tentar, colocar dentro do SNUC, o interesse da Proteção do Patrimônio Geológico. Então eu quero expor isso porque, lá no Estado, eu sou um geólogo, trabalhando com conservação, que foi assim, uma luta que não foi muito fácil, conseguir estar nesse cargo, trabalhando com conservação, porque já é usual que sejam os biólogos, ou engenheiro ambiental, não tem muito a figura do geólogo na conservação, e o que a gente deve fazer, é que não consigo ver uma fórmula de administrar o território, sem isso estar como política pública, então é um drama que eu vivo. Compartilho com a ideia de geoparque, acho interessante, acho possível, principalmente em regiões áridas, onde a biodiversidade não é tão aparente. E que inclusive em regiões áridas, a gente vá ter uma situação social sempre que uma agricultura não for desenvolvida. Então aproveitar esse fórum para expor um pouco esse problema que eu vivo lá no meu estado, a gente fomenta a criação de unidades, mas assim, o que eu posso fazer, a gente recentemente criou uma unidade municipal abiótica, é uma falésia, e a forma de criar e proteger foi através do monumento natural, através da beleza cênica. O recado que quero dar é esse, não vamos desprezar o SNUC, vamos conhecer mais o SNUC, eu sei que ele não é ainda perfeito, mas lá no estado, a gente criou unidade de conservação, a gente consegue frear a mineração, que seria

uma estratégia de geoconservação, apesar de não ser ainda com esse nome fantasia de geoparque. Obrigado.

Boggiani - Eu só queria deixar claro aqui que ninguém falou que é contra o SNUC (risos). A questão é que o SNUC é ótimo como estratégia, mas é uma estratégia de biodiversidade. Ele não é um instrumento de desenvolvimento, isso está claro (foi comentado na plateia de alguns exemplos de UC do SNUC que seriam de desenvolvimento). Mas a gente sabe que as reservas de desenvolvimento sustentável não estão funcionando. A implementação... Nós temos uma Floresta Nacional aqui do lado, que tem uma jazida de fosfato, o Brasil é carente em fosfato, o IBAMA não quer nem discutir a lavra dessa região, essa região foi preservada, historicamente é a mineração, o IBAMA é radical, agora o Instituto Chico Mendes, o problema é a implementação. O Parque Nacional da Serra da Bodoquena, sete anos foi criado e nenhum turista entra lá até hoje, sete anos, essa implementação que temos que agilizar, os planos de manejo têm que ser feitos. Eles têm que ser uma realidade, os planos de manejo de unidades de conservação são um monte de papéis que ficam engavetados, isso é que nós precisamos aperfeiçoar. O SNUC é perfeito, a implementação - manifestação da plateia - Temos que fechar aqui a discussão, foi ótima, a gente agradece e só fazendo um breve resumo, eu acho que aqui do debate podemos tirar que o conceito de geoparque é um conceito dinâmico e complexo, a questão de envolver o território como um todo, é o que torna bastante diferenciado. Essa relação com o SNUC, acho que é interessante, atrelado ao conceito e a experiência dos geoparques da Europa e os mundiais e Ásia, é essa articulação em rede e não existe uma rede de parques nacionais no Brasil, as equipes de parques estaduais se articulando, elas estão sempre individualizadas, então essa experiência de rede, nós vimos lá em Osnabröck (Alemanha), estudantes de várias regiões se reuniram na Europa, foram visitar geoparques, essa troca de experiências, isso é muito importante, com oportunidades de geoeducação e geoturismo. Então esperamos amanhã avançar um pouco mais, acho que aqui no Brasil uma grande lacuna que estamos vendo na questão do conceito de geoparque e até o que provocou a estruturação desse evento, por parte da Joseli, porque falta muita discussão dos projetos educacionais dos geoparques. E acho que nisso nós estamos patinando e temos que avançar muito mais - quais são os projetos educacionais que se pretende para os geoparques. Agradeço a participação de todos da mesa e de toda a plateia, e amanhã temos mais. Muito obrigado.